

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
13 de Outubro de 2021
UMA VIAGEM PELO CINEMA DA ESLOVÉNIA

DRUZINICA / 2017 “As Bases do Assassínio”

Um filme de Jan Cvitkovic

Argumento: Jan Cvitkovic / *Imagem (digital, cor):* Marko Brdar / *Cenários:* Vasja Kokjelj / *Figurinos:* Emil Cerar, Polona Valentincic / *Música:* Damir Avdic / *Montagem:* Jurij Moskon, Andrija Zafranovic / *Som:* Bostjan Kacinik (montagem) / *Interpretação:* Primoz Vrhovec (*Marko*), Irena Kovacevic (*Dunja*), Miha Kosec (*Taras*), Ula Gulic (*Mala*), Borut Veselko (*Sef*), Vlado Novák (*Ravnatelj*), Marjuta Slanic (*Manica*), Eva Strazar (*Verena*), Ludvik Bagari (*Mozakar*), Natasa Burger (*a mulher de Mozakar*),

Produção: Perfo Production; Pilon Media / *Cópia:* dcp (suporte original), versão original com legendas em português / *Duração:* 98 minutos / *Estreia mundial:* Montréal (Festival des Films du Monde), 27 de Agosto de 2017 / *Inédito comercialmente em Portugal* / *Primeira apresentação na Cinemateca.*

Nascido em 1966, Jan Cvitovic viveu como um jovem adulto a implosão da Jugoslávia na primeira metade dos anos 90, durante a qual a Eslovénia foi a única unidade da Federação a ser poupada pelas destruições e pelos pogroms da “limpeza étnica” (uma expressão arrepiante e eloquente) que varreram as outras unidades que tinham formado a Jugoslávia, pois já era culturalmente homogénea. Depois de abandonar estudos de Física, Cvitovic fez uma viagem de aprendizado que o levou a Israel, ao Egito e à África Negra. Ao regressar à Eslovénia, estudou arqueologia, tendo concluído o curso em 1999. Mas quando ainda era estudante, escreveu um argumento que foi premiado no mais importante concurso a ter lugar no seu país, em 1995. Estreou-se na realização em 2001 com **Kruk in mleko/“Pão e Leite”**. **Druzinica** é a sua quinta longa-metragem e à última à data de hoje, mas Cvitovic também realizou uma mini-série e diversas curtas-metragens.

Druzina é um filme construído com inteligência, um filme de argumento (este foi escrito pelo realizador, sozinho), mas no qual Cvitovic consegue dar soluções visuais à trama narrativa, que não avança através de diálogos explicativos, como na televisão, mas pelas situações dramáticas. Estas já são suficientemente duras para que Cvitovic não descambe para nenhum excesso, nenhuma demagogia ou chantagem sentimental com o espectador, antes pelo contrário, mantendo um tom racional e quase clínico, enquanto aperta cada vez mais, de modo lento e inexorável, a torquês sobre os quatro protagonistas. Por exemplo, o filho adolescente furta comida, mas não se transforma num delinquente e quando a mulher resigna-se a alugar o corpo, somos poupados de qualquer presença dos seus clientes, embora uma breve passagem venha lembrar-nos a realidade do contacto sexual. A narrativa é metodicamente dividida em três partes, de cerca de meia hora cada uma: a *mise en place*, em que vemos uma família ao mesmo tempo banal e quase excessivamente perfeita; a crise que vem partir esta harmonia e que lança marido e mulher no desemprego; o momento em que as capacidades de resistência dos membros da família começam a sucumbir. O filme começa e termina com os quatro membros da família reunidos, antes e depois de uma catástrofe que ainda não chegou ao fim, como feridos de guerra que ainda conseguem simular alguma normalidade.

A harmonia da vida familiar e profissional dos protagonistas na primeira meia hora tem um toque quase irónico, como se aquela fosse uma família de algum antigo filme

americano e não do mundo real, pois Cvitovic mostra a fachada de um país, antes de mostrar os seus bastidores: um sistema social montado, como em toda a parte, para os que têm e cujas leis sociais, até certo ponto, são de fancaria, pois mesmo no total desemprego o casal é considerado demasiado rico para beneficiar de qualquer auxílio (a primeira burocrata que vemos e que explica isso é mostrada de frente, num gabinete; na segunda tentativa não vemos a funcionária, limitamo-nos a ouvir a sua voz indiferente por detrás de um guichê de vidro). Uma das forças do argumento é que concentra-se quase exclusivamente nos quatro membros da família, naquilo que cada um faz e nas consequências da catástrofe sobre cada um deles, sem digressões. A acusação caluniosa de abuso sexual é um dado adquirido, a acusadora surge apenas durante alguns segundos no gabinete do diretor da escola, não há inquérito, nem faz sentido na lógica do filme que haja, pois a falsidade da acusação importa menos do que as suas consequências, que serão as do homicídio social mencionado no título, pois também a mulher perderá o emprego, num não-dito, sem que a causa seja mencionada. Cvitovic usa com habilidade e discrição a simetria das situações entre o marido e a mulher: ele é um professor de filosofia, um homem cuja função é refletir sobre o que são as coisas e tentar alargar os horizontes mentais dos seus alunos adolescentes; ela é uma pesquisadora científica, cujo trabalho poderá ter resultados concretos nos tratamentos médicos; ele é objeto da fantasia sexual de uma adolescente, ela é cortejada de modo visível, porém correto, pelo chefe; ele é levado a demitir-se e ela é demitida, como consequência do que aconteceu ao marido. Se para o filho adolescente a consequência da exclusão social da família é a depressão e para a filha criança a incompreensão, para os quatro a consequência mais real é a ausência de comida, a fome, que se instala de modo insistente: três magros pratos de comida para quatro pessoas (a mãe diz que já jantou), a exclusão na cantina escolar, o furto de duas miseráveis latas num supermercado, a verbalização ansiosa na repartição burocrática (“*tenho de dar de comer aos meus filhos*”), a discreta solidariedade de uma vizinha cuja situação aparentemente correspondia às exigências burocráticas para receber auxílio alimentar. Mesmo nos momentos mais “arriscados” da narrativa, como aquele em que o casal se cruza na rua à noite e ele percebe que ela se prostitui ou quando ele e a ex-aluna se defrontam num semáforo, a contenção do tom faz com que não haja exagero nem desperdício. O desenlace é especialmente conseguido, depois a reunião dos quatro membros da família, num eco ao plano de abertura, embora num cenário de paisagem após a batalha. Na abertura do filme, depois de vermos a família feliz e perfeita, um corte na imagem mostra-nos o bairro onde vive. No desenlace, depois de vermos os quatro membros da família num comovente momento de resistência, numa pausa no seu calvário, a câmara afasta-se deles num *travelling* e, num notável plano-sequência, sai do apartamento rumo ao mundo exterior, no qual sabemos que aquelas quatro pessoas têm cada vez menos lugar.

Antonio Rodrigues